

INCLUSÃO PELO TATAME: UM ESTUDO SOBRE O JIU-JITSU BRASILEIRO E SUA PERCEPÇÃO A PARTIR DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Palavras-Chave: DEFICIÊNCIA, JIU-JÍTSU, INCLUSÃO

Autores(as):

PABLO HENRIQUE CARNEIRO DE MATOS VIANA, FEF – UNICAMP

Profa. Dra. MARIA LUIZA TANURE ALVES (orientadora), FEF – UNICAMP

INTRODUÇÃO:

O jiu-jitsu Brasileiro (BJJ), originado a partir do antigo Jujútsu japonês, foi reinventado e sistematizado no Brasil, consolidando-se como uma prática esportiva de grande relevância nacional e internacional. Historicamente ligado à cultura da defesa pessoal e da competição, o jiu-jitsu evoluiu também como instrumento educacional e social, sendo incorporado a projetos escolares, comunitários e acadêmicos. No entanto, apesar de seu crescente alcance, a modalidade ainda se apresenta como um espaço com acesso restrito a determinados grupos, especialmente pessoas com deficiência.

Paralelamente, os estudos sobre deficiência vêm se ampliando no campo das Ciências Humanas e Sociais, impulsionados pela crítica ao Modelo Médico de deficiência, que entende a deficiência como um problema individual a ser corrigido. Em contraposição, o Modelo Social da Deficiência destaca as barreiras sociais, arquitetônicas e simbólicas como os principais fatores de exclusão, propondo uma nova compreensão da deficiência como construção social e cultural. Sob essa ótica, o esporte passa a ser compreendido não apenas como espaço de rendimento, mas como meio de inclusão, reconhecimento e construção de identidades.

O jiu-jitsu Paradesportivo, embora ainda em estágio inicial de desenvolvimento e institucionalização no Brasil, surge como uma importante possibilidade para o exercício de cidadania por parte das pessoas com deficiência. Sua recente sistematização e o surgimento de entidades representativas, como a Federação Brasileira de jiu-jitsu Paradesportivo (FBJJP), apontam para uma nova configuração da modalidade, que passa a contemplar a diversidade corporal como elemento central em sua prática.

Este trabalho propõe-se a investigar a prática do jiu-jitsu por pessoas com deficiência, respaldado no Modelo Social da Deficiência, buscando compreender as significações atribuídas à modalidade por seus praticantes e os desafios enfrentados no processo de inclusão. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e interpretativo, com foco nas experiências vivenciadas por atletas com deficiência. A partir dessa análise, pretende-se contribuir com reflexões sobre os limites e

possibilidades da prática do jiu-jitsu como espaço inclusivo, bem como indicar caminhos para sua democratização enquanto prática esportiva e instrumento de transformação social.

METODOLOGIA:

1. Delineamento da Pesquisa

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, de natureza interpretativa e exploratória, com o objetivo de compreender os significados atribuídos ao jiu-jitsu por uma pessoa com deficiência física praticante da modalidade Paradesportiva. Fundamentada na perspectiva do próprio participante, a pesquisa valoriza sua vivência e dá espaço ao protagonismo de sua narrativa. A coleta de dados foi realizada por meio de uma entrevista de história oral, método que possibilita aprofundar percepções individuais por meio do relato de vida.

2. Participante

O estudo contou com a participação de um homem com deficiência física, maior de 18 anos, com graduação mínima de faixa azul em jiu-jitsu paradesportivo e participação em competições oficiais. A seleção foi intencional, baseada na acessibilidade e na disponibilidade do indivíduo, caracterizando amostragem por conveniência (Creswell, 2010; Patton, 2002). A identidade do participante foi resguardada por meio de um nome fictício, conforme os princípios éticos em pesquisas com seres humanos.

Identificado como Ricardo, o participante é natural da Bahia e já possuía envolvimento com o jiu-jitsu convencional antes de ingressar no paradesportivo em 2018, passando a competir oficialmente em 2019. Sua deficiência é decorrente de uma lesão na coluna cervical causada por um disparo de arma de fogo durante uma discussão, resultando em tetraplegia.

3. Procedimentos metodológicos

A metodologia adotada foi a História Oral de Vida (MEIHY, 2005), indicada para investigar experiências subjetivas de grupos marginalizados, como pessoas com deficiência. A entrevista iniciou-se com a pergunta aberta: "Você pode contar sua história no jiu-jitsu?", sendo complementada por outras questões conforme surgiam necessidades de aprofundamento, especialmente sobre deficiência, prática esportiva e trajetória no jiu-jitsu paradesportivo (SMITH; FLOWERS; LARKIN, 2009).

O participante foi previamente informado sobre os objetivos da pesquisa, garantias de anonimato e liberdade de desistência, conforme os princípios éticos estabelecidos por Paula et al. (2014). O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi enviado e lido novamente no início da entrevista. A coleta de dados foi realizada por videochamada, com duração aproximada de 2 horas e 20 minutos, e gravada por dois dispositivos para segurança das informações.

4. Análise dos Dados

A entrevista foi transcrita integralmente e analisada conforme a metodologia da História Oral (MEIHY, 2005), que valoriza a memória e a subjetividade como elementos centrais na construção das narrativas. A análise iniciou-se com uma leitura exploratória do material transcrito, da qual emergiram dois grandes eixos: a deficiência e o jiu-jitsu. Embora tratados separadamente na análise, os temas se

entrelaçam na narrativa do participante, refletindo como a prática esportiva e a vivência da deficiência integram sua identidade.

As categorias foram definidas com base na frequência, profundidade e relevância para os objetivos da pesquisa. Elementos recorrentes foram priorizados, mas particularidades expressas por Ricardo também foram consideradas e integradas à discussão dos resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Ricardo: ressignificações de uma vida no Jiu-jítsu

Ricardo é homem, psicólogo clínico, faixa roxa em ParaJiu-Jitsu, tetraplégico, pardo, nordestino e atleta ativo no cenário nacional. Sua história foi construída a partir de uma ruptura marcante: um tiro que o tirou das ruas como líder de uma torcida organizada e o lançou em uma jornada de redescoberta pessoal, marcada pelo esporte, pela luta por acessibilidade e pela afirmação de sua identidade enquanto homem com deficiência.

Sua narrativa não é sobre superação no sentido capacitista da palavra, mas sobre existência, resistência e ressignificação. Em suas palavras, *“você só tem que aceitar [a deficiência] e viver, só isso. Se adaptar para viver normal, como qualquer outra pessoa”* (Ricardo). Seu relato revela as múltiplas camadas que compõem sua subjetividade e seu pertencimento social. A escuta sensível da sua história de vida se torna, assim, um ato político — uma prática de escuta transformadora e comprometida com a valorização de sujeitos historicamente silenciados (MEIHY, 2005; DINIZ; GEBARA, 2022).

Entre a violência e a reconstrução

A lesão que o tornou cadeirante aconteceu em 2008, em um episódio que ele narra com crueza e autoconsciência: *“Eu era líder de um grupo, né, de uma torcida do Bahia... e aí esse rapaz me chamou pra brigar. [...] Ele disparou um tiro no meu pescoço”* (Ricardo). Aos 20 anos, no auge da juventude e da impulsividade, viu sua vida virar de cabeça para baixo. Foram seis meses no hospital, outros tantos em casa, e a posterior reabilitação no Hospital Sarah. Até então, Ricardo era um jovem ativo, em busca de ascensão social e prestígio, envolvido com o Jiu-Jitsu, mas também com um modelo de masculinidade pautado na força física e na confrontação.

Ao refletir sobre esse passado, reconhece o quanto aquela masculinidade foi moldada por valores de virilidade e violência. *“Na torcida organizada meu apelido era Pitbull. Eu queria ser o brabão”* (Ricardo). Contudo, a lesão não apenas mudou seu corpo: ela também desorganizou seu imaginário e abriu espaço para novas possibilidades de ser homem. Como ele mesmo define: *“Ser homem com deficiência é ser homem dobrado. [...] Você precisa buscar uma autoconfiança, uma postura mais firme diante dessa sociedade que exclui”* (Ricardo).

Esse relato revela como o capacitismo e a normatividade de gênero se entrelaçam. A experiência de Ricardo nos mostra que a deficiência, longe de ser um marcador isolado, opera em intersecção com gênero, raça e classe (MOODLEY; GRAHAM, 2015; GOODLEY, 2011). Sua identidade como homem

pardo, de origem popular, com deficiência, é perpassada por múltiplas formas de exclusão — mas também por estratégias de afirmação.

O reencontro com o Jiu-Jitsu: mais que esporte, um modo de ser

Após anos afastado do tatame, o reencontro com o Jiu-Jitsu se deu de forma afetiva e política. Foi um colega amputado que o apresentou ao ParaJiu-Jitsu. Desde então, ele passou a competir na classe K4 da Abu Dhabi Jiu-Jitsu Pró (AJP) e da Federação Brasileira de Jiu-Jitsu Paradesportivo, conquistando posições de destaque e sendo hoje o primeiro do ranking nacional na sua categoria.

Ao recordar sua primeira luta após a lesão, a emoção transborda: *“Antes de entrar no tatame eu estava chorando muito [...] Foi um momento muito importante pra mim”* (Ricardo). Aquele momento representava mais que uma competição: era a reapropriação de seu corpo e de seu desejo de viver, agora com outras potências e outros limites.

O esporte, nesse contexto, é mais que prática corporal: é espaço de empoderamento, pertencimento e construção de novas subjetividades. Como aponta Meihy (2005), “a história oral é uma forma de libertação simbólica” (p. 149), e o esporte, no caso de Ricardo, foi justamente esse vetor simbólico e material de libertação de amarras antigas.

Masculinidade, corpo e autoestima

Ao ser perguntado sobre como se vê em comparação a outros homens, Ricardo responde com segurança: *“Eu me acho o cara. [...] Me sinto tão capaz quanto qualquer outro homem”* (Ricardo). Essa fala subverte o imaginário capacitista que associa a deficiência à falta de virilidade ou ao fracasso da masculinidade. Ricardo se reconhece como um homem desejável, forte, afetivo e responsável. Em sua visão, *“o jiu jiteiro tem que ser um ser evoluído”*, alguém que *“mostra um estilo de vida além do tatame”* (Ricardo).

Sua masculinidade, portanto, não está mais baseada na força física ou no domínio, mas na responsabilidade, no cuidado, na escuta e no compromisso com o outro. Isso marca uma ruptura importante com os modelos hegemônicos e revela como o esporte pode também ser um campo de disputa simbólica sobre o que significa ser homem.

CONCLUSÕES:

Este estudo teve como objetivo investigar a prática do jiu-jitsu por pessoas com deficiência a partir do Modelo Social da Deficiência, valorizando a experiência de um praticante da modalidade paradesportiva. A análise da trajetória de vida do participante permitiu compreender como o esporte pode ser um espaço de construção de identidade, pertencimento e ressignificação da deficiência, rompendo com visões capacitistas e reducionistas.

Os resultados indicam que, embora o jiu-jitsu paradesportivo ainda enfrente desafios estruturais e institucionais — como a pouca difusão nacional, carência de políticas públicas e limitações de acessibilidade —, ele se configura como uma prática com grande potencial inclusivo. A partir do relato do participante, foi possível perceber que a prática do jiu-jitsu contribuiu significativamente para sua autonomia, autoestima e reintegração social, além de favorecer o desenvolvimento de uma nova compreensão de masculinidade e corpo.

O esporte, nesse contexto, mostrou-se mais do que uma atividade física: tornou-se um meio de afirmação de direitos e de transformação social. O estudo também evidenciou a importância de escutar as vozes das pessoas com deficiência em sua complexidade, reconhecendo suas potências, desejos e projetos de vida.

Dessa forma, espera-se que esta pesquisa contribua para o debate sobre a democratização do acesso ao esporte, especialmente às artes marciais, e que possa estimular a criação de práticas pedagógicas mais sensíveis à diversidade corporal. Além disso, reafirma-se a relevância de investir na ampliação e valorização do jiu-jitsu paradesportivo como instrumento de inclusão, cidadania e protagonismo.

BIBLIOGRAFIA

- BARNES, C. *Understanding the social model of disability: Past, present and future*. In: *Rethinking Disability: World Perspectives in Culture and Society*. Routledge, 2020.
- CRESWELL, J. W. *Projeto de Pesquisa: Métodos Qualitativos, Quantitativos e Mistos*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DINIZ, D.; GEBARA, A. *O feminismo é para todo mundo*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.
- FBJJP. *Classificação funcional*. **Federação Brasileira de Jiu-Jitsu Paradesportivo**. Disponível em: <https://fbjip.org.br/categorias-competicao?lang=pt-br>.
- GOODLEY, D. *Disability Studies: An Interdisciplinary Introduction*. London: SAGE, 2011.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 2005.
- MOODLEY, J.; GRAHAM, L. **The importance of intersectionality in disability and gender studies**. *Agenda*, v. 29, n. 2, p. 24–33, 2015.
- PAULA, Cristiane Cardoso de et al. **Modos de condução da entrevista em pesquisa fenomenológica: relato de experiência**. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 67, p. 468-472, 2014.
- SMITH, Jonathan A.; FLOWERS, Paul; LARKIN, M. *Interpretative Phenomenological Analysis*, 2009.